

## ESPAÇO

JORNALISTA MARTINS DE VASCONCELOS



Organização: Clauder Arcanjo

clauderarcujo@gmail.com

## Quando o passado visita o presente em forma de saudade...

### ÂNGELA RODRIGUES GURGEL

Autora de Ensaio Poético e Confissões Crônicas, idealizadora da confraria Café & Poesia.

angelargurgel@gmail.com



Papai, nos últimos dias tenho sentido uma falta enorme do senhor. A saudade, instalada desde sua partida, tem dias que dói mais. Transborda por todos os poros, e sua ausência faz morada em minhas lembranças de forma mais marcante. Fecho os olhos e repito baixinho: ele não vai voltar. A morte levou-o. Repito em voz alta: "Papai não está aqui"; "Acabou!". Numa tentativa vã de me convencer de algo que nunca estarei convencida, embora saiba que é verdadeiro. Claro que o senhor continua presente em minha vida e me acompanhará para todo o sempre. Nessa permanência que só o amor explica. Mas, a presença que eu realmente queria, esta eu preciso aceitar que nunca mais terei. A impermanência, intrínseca à existência humana, faz parte dos "para sempre que sempre acabam".

Acabou a deliciosa carne de porco preparada por Ditiinha nos almoços de sábado, o sentar em baixo da árvore para conversar, a escuta atenciosa, o conselho, o discordar com tristeza, o ficar em silêncio olhando o nada que parecia caber tudo que nos unia, o seu balançar de cabeça quando ouvia alguma coisa que não lhe agradava, o olhar severo de reprovação diante de meus deslizes, e foram (são) tantos, seus olhos úmidos de emoção e orgulho quando lhe contava sobre minhas conquistas – tão pequenas, porém de grande significado para nós dois, as mãos crispadas diante da dor ou do medo que o senhor não verbalizava, o riscar no chão

como se desenhasse alguma resposta para as perguntas que desconhecíamos... Como sinto falta de tudo isso, papai! Do que vivemos e do que deixamos de viver.

Como dói não dividir com o senhor o crescimento de meus netos, seus bisnetos! Como faz falta seu humor contido. Seus comentários curtos durante as conversas aleatórias quando nos reuníamos. Eu continuo procurando o senhor em todos os lugares, mesmo sabendo que nunca mais o encontrarei. Embora, estranhamente, o senhor esteja em absolutamente tudo, e sua ausência não pare de gritar em meus ouvidos que sonham ouvir a sua voz outra vez.

Sua partida deixou-me incompleta. Uma parte de mim continua "presa" aos dias onde o senhor não era parte do passado e sim um grande e importante capítulo do meu presente; é muito estranha essa certeza(?) de um futuro inexistente. Há dias em que o "seguir em frente" é mais dolorido. Como seguir adiante deixando para trás aquele que não está em lugar algum, mas continua presente em toda parte?!...

O luto, nascido da orfandade, continua aqui. Não, ele não me impede de viver, sonhar, sentir alegria, no entanto me lembra, diuturnamente, de que não tenho mais o senhor. Que estamos separados, apesar de continuarmos juntos.

Tenho descoberto tantas coisas sobre a vida e a morte, temas que sempre me fascinaram, depois que o senhor partiu! Coisas que aprendi com



a dor e com o difícil exercício da orfandade, contudo preferiria ter aprendido nas leituras e escutas. Descobri que a dor e a saudade não passam. Mudam de estação. Amenizam. Mas não vão embora. Aprendi que o coração de uma filha que perde seu pai se quebra em mil pedaços e nunca mais consegue juntar "os cacos" que se transformam em um colorido vitral que reflete a dor, a saudade, a ausência, o sentimento de impotência e o choro. Que a consciência da finitude dos que amamos nos ensina muito mais sobre viver do que qualquer outra experiência. Que reconhecer a face da morte no rosto daqueles que amamos nos dá a exata dimensão de que a vida é apenas uma travessia, uma passagem, que o nunca mais nos apresenta os infinitos que

se interlaçam com a eternidade e mesclam de saudade as limitações humanas. Que o luto é pessoal e intransferível, e cada um tem a sua maneira de lidar com ele, que é uma experiência singular e que mesmo entre pessoas muito próximas as variáveis se manifestam de maneira diferente.

O luto não tem prazo de validade. Pode ser longo ou curto e isso não diz nada sobre como as pessoas se sentem em relação a quem partiu. O sentir é pessoal e, claro, diferente... A dor e a saudade não medem o tamanho do amor. O tempo do luto, também não!

Sei que já se passaram muitos anos, mas meu coração ainda veste o mesmo manto de luto e saudade e não aceita fechar a cortina e dizer adeus para sempre. Sempre soube

(?) que este momento poderia chegar, é natural que os filhos enterrem seus pais, porém isso não ameniza a saudade. Nada, nem o tempo que o senhor passou doente, me preparou para tal momento.

Hoje, a saudade está apertando o meu peito e embaçando a minha visão. A dor de sua partida está tão latente quanto no dia que recebi a notícia do acidente que ceifou a sua vida. Hoje, tudo que eu mais queria era ter poderes mágicos para voltar os ponteiros do tempo para aquela manhã de onze de setembro, quando o senhor ainda estava entre nós, e apagar aquela fatídica tarde que anoi-teceu grande parte de minha existência. Uma noite que não é sombria nem bela. Apenas não amanhece... Imagino que sejam assim as noites de insônia.

## De Fato.com

Um produto da Santos Editora de Jornais Ltda.. Fundado em 28 de agosto de 2000, por César Santos e Carlos Santos.

**Direção Geral:** César Santos

**Diretor de Redação:** César Santos

**Gerente Administrativa:** Ângela Karina

**Dep. de Assinaturas:** Alvanir Carlos

www.defato.com **E-MAIL:** redacao@defato.com

**TWITTER:** @jornaldefato\_br

**REDAÇÃO E OFICINAS: SEDE:** Avenida Rio Branco, 2203, Centro, Mossoró-RN – CEP: 59.063-160

**TELEFONES:** (084) 99836-5320 (Mossoró)

**COMERCIAL/ASSINATURAS** (84) 99956-4810 - (84) 99485-3685